

## CAPITALISMO FLEXÍVEL, TRABALHO PRECARIZADO E SOFRIMENTO PSÍQUICO DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS

Vivian JILOU<sup>1</sup>

Universidade de Uberaba

### RESUMO

Dadas as alterações no mundo do trabalho e na docência, o professor se vê desafiado a exercer um trabalho diferente de suas possibilidades, expectativas e anseios e, por isso, corre o risco de sofrer e perder o interesse pelo que faz. Este artigo trata do trabalho docente no ensino superior e suas relações com o sofrimento psíquico de professores. O objetivo é compreender a relação entre trabalho docente e sofrimento psíquico em professores universitários de duas instituições privadas, de Uberaba, MG, identificando a natureza, conteúdo e significados do trabalho docente. O estudo descritivo e de natureza qualitativa, incluiu pesquisa bibliográfica mediante levantamento eletrônico de artigos na base de dados Scientific Electronic Library Online (SCIELO), leitura de livros, e pesquisa de campo realizada com a participação de 30 professores de duas IES privadas que responderam a uma entrevista semiestruturada. O material obtido foi submetido à análise de conteúdo. Os resultados sugerem que o sofrimento é reconhecido tanto em relação a si, quanto em relação ao outro. A dificuldade em admitir que se sofre, talvez seja em decorrência de transmitir uma imagem negativa e de fracasso pessoal e/ou profissional. Espera-se possibilitar ao professor pensar sobre sofrimento psíquico e docência, repensar o próprio saber e fazer docentes, buscando alternativas para relacionar-se melhor com a escolha e o exercício da profissão; compreendendo que o sofrimento poderá impedir investimentos na criatividade e na energia para o desempenho de suas funções, causando um sentimento de incompetência, diminuição da participação e iniciativa do trabalhador.

**Palavras-chave:** Sofrimento psíquico. Precarização. Trabalho docente.

### INTRODUÇÃO

O trabalho sofreu muitas mudanças de interpretação ao longo do tempo, até assumir a descrição de valores, de condições, de direitos e deveres hoje inerentes a todo ser humano.

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Uberaba (UNIUBE) e orientanda da professora Dra. Sálua Cecílio. Especialista em Biologia Molecular e Biotecnologia, Graduada em Enfermagem (UNIUBE) e Licenciatura Plena em Ciências Biológicas (UNIUBE). E-mail: vivianjilou@yahoo.com.br

Esta é uma versão ampliada do artigo Capitalismo flexível, trabalho precarizado e sofrimento psíquico de professores universitários, submetido à Revista Trabalho Necessário, mas ainda aguardando parecer da revista.

Pode possuir significados diferentes, dependendo do ponto de vista e do contexto no qual os indivíduos estão inseridos.

Vivido e estudado por muitos, o trabalho é objeto de estudos em diferentes áreas do conhecimento, conforme Bendassolli (2010), o trabalho percorreu e percorre toda a história do ser humano. Mesmo nos anos que antecederam a Cristo, há a descrição da vida laboral, como sendo dos agricultores que lutavam contra as forças da natureza. Até mesmo nas escrituras bíblicas o trabalho foi descrito como forma de elevar o espírito. Tanto nas visões mitológicas como nas históricas, o trabalho foi interpretado como forma de sobrevivência e de elevação moral. Na Antiguidade, o trabalho destaca-se pela discriminação entre ocupação (trabalho) e lazer. Lazer não do ponto de vista do ócio, e sim, para o cultivo da mente e da reflexão. No sentido de usufruir das coisas e não meramente se deixar levar pela rotina e pela obrigação do trabalho

De qualquer forma, o trabalho exerce um papel fundamental e significativo na vida do ser humano. Dentre outras funções a que se presta, é através dele que o indivíduo constrói sua própria identidade. No processo de estruturação da identidade, o trabalho adquire sentido fundamental ao possibilitar a realização, expressão de competências e integração social (ANDRADE; CARDOSO, 2012).

Dejours (2004, p. 28) apresenta um olhar clínico sobre o trabalho que vai além da visão de emprego. Do ponto de vista humano, o trabalho implica: “gestos, *saber-fazer*, um engajamento do corpo, a mobilização da inteligência, a capacidade de refletir, de interpretar e de reagir às situações; é o poder de sentir, de pensar e de inventar, etc”.

Por isso, importa uma atenção à significação e à repercussão do trabalho sobre o indivíduo, pois além da importância fundamental na sua vida, grande parte de seu tempo é de dedicação, de esforço e de estudos para que possa desempenhar sua função. Apesar das profundas mudanças econômicas e sociais que vem atingindo o mundo do trabalho como instabilidade, ameaça do desemprego, precarização crescente e hipervalorização do capital, o trabalho ainda poderá trazer aos indivíduos oportunidade para repensar sua relação com a sociedade, a partir do próprio trabalho. Afinal, a capacidade e o modo como desempenha o trabalho servem que diferenciadores do ser humano e se prestam à sua humanização e sociabilidade.

Conforme Antunes e Braga (2009), o que era uma finalidade central do ser social converte-se em meio de subsistência. A força de trabalho torna-se mercadoria e transforma-se em meio e não primeira necessidade de realização humana.

Analisar a complexidade do trabalho docente, sob a égide global do sistema econômico capitalista, suscita a necessidade de refletir sobre o que diante deste sistema econômico resta aos sujeitos sociais para a execução de atividades laborais com a finalidade da sobrevivência humana, ultrapassando a visão simplificada e, até quem sabe, a falácia de que “o trabalho dignifica o homem”. Saber qual a relação entre trabalho docente e sofrimento psíquico, e o que daí decorre, de professores universitários de duas instituições privadas, de Uberaba, MG, identificando a natureza, conteúdo e significados das relações de trabalho docente, é o que aqui se propõe.

## 1 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa descritiva, enquanto se propôs a ir “[...] além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, pretendendo-se determinar a natureza dessa relação” (GIL, 2008, p.28), buscou descrever e apresentar o trabalho docente e suas relações com o sofrimento psíquico de professores universitários. A investigação, de abordagem qualitativa, incluiu pesquisa bibliográfica e de campo.

Foram consultados livros, e artigos publicados no período compreendido entre 2002 e 2012, na base de dados Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e cuja escolha se deu não apenas pelo tempo de publicação, correspondente a uma década, mas pela importância e maior visibilidade das mudanças no mundo do trabalho, pela maior penetração das tecnologias digitais no contexto escolar modificando o cenário educacional e por este período ser e estar incluído numa crescente consolidação dessas mudanças. Os termos de busca utilizados foram selecionados da seguinte forma: 1) de forma isolada, como: trabalho docente; docência universitária; sofrimento; precarização; intensificação do trabalho; e/ou 2) de forma combinada, como: trabalho docente e sofrimento; trabalho docente, precarização e capitalismo; trabalho, penosidade; prazer, sofrimento.

A pesquisa de campo baseou-se em entrevista individual semiestruturada com 30 professores universitários de duas IES da rede privada da cidade de Uberaba, MG, escolhidas pelas similaridades entre si em relação ao tamanho, e natureza e estrutura acadêmica, administrativa e jurídica, pois as duas são IES privadas e de pequeno porte. De cada instituição foram selecionados 15 participantes. A fim de se cumprir a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, a eles foi apresentada a pesquisa e após os devidos esclarecimentos lhes foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que, depois de lido e analisado, foi assinado, pelos que aceitaram participar.

Foram definidos como critérios de inclusão: a) ser professor universitário de instituição superior; b) ter disponibilidade e interesse em participar da pesquisa; e c) ter maior tempo de exercício profissional em relação aos demais, não foi possível a observância do último. Porém, devido ao fato de alguns cursos serem recentes, os professores serem jovens e iniciantes na carreira docente, e terem pouco tempo de profissão, o último critério não foi totalmente observado. Os que não consentiram e não assinaram o TCLE foram excluídos.

Os profissionais docentes foram selecionados a partir de lista nominal fornecida pelo Departamento de Recursos Humanos. Além dos critérios, acima citados, foi respeitado o interesse e a disponibilidade em participar.

A pesquisa de campo (entrevista) ocorreu de fevereiro a maio de 2013, observados os critérios: 1) atuar como docente em um dos cursos: Direito, Administração e Pedagogia da IES 1; 2) atuar como docente em um dos cursos: Direito, Administração e Sistemas de Informação da IES 2. A escolha dos cursos por meio de seleção intencional se justifica: a) pelo critério de dois cursos comuns nas instituições (Direito e Administração), b) um curso específico da área de educação em uma das instituições (Pedagogia), c) um curso (Sistemas de Informação) por ser uma área da tecnologia que está em ascensão.

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas de forma literal, com destaques para as falas com tom emocional forte [sublinhadas] e os trechos inaudíveis ou de sentido incompleto ou confuso com o sinal de (...). Das falas foram extraídos recortes (representados como unidades de registro), que sinalizavam material relacionado com os objetivos estabelecidos e as unidades de sentido representadas por categorias constituintes do objeto de pesquisa. As unidades de registro, para Minayo (2008) podem ser uma palavra-chave ou uma expressão.

O tratamento e a interpretação dos resultados foram orientados pela proposta de Bardin (1979) e de Minayo (2008) e Minayo (2009) sobre análise de conteúdo. Incluiu: a) Pré-análise: fase de organização e sistematização das ideias iniciais contidas nas entrevistas. Foram sublinhados trechos que responderão aos objetivos da pesquisa e elaborados os indicadores para a fundamentação teórica; b) Exploração do material: período de codificação, transformação de dados brutos do texto em recortes e agregação que permitiram uma descrição pertinente do conteúdo; c) Seleção das unidades ou categorias de análise, que contemplam palavras, frases ou temas. Foi elaborada de acordo com as questões da pesquisa.

O propósito foi sistematizar, detalhar e evidenciar, nos conteúdos, os aspectos centrais relacionados ao problema investigado, na tentativa de conferir maior fidedignidade possibilitando a construção de conhecimento sobre as questões pesquisadas.

## 2 TRABALHO DOCENTE E PRECARIZAÇÃO NO CONTEXTO DO CAPITALISMO FLEXÍVEL

O conceito de trabalho revela-se complexo e seus sentidos para os trabalhadores e profissionais apresentam-se ambivalentes dotados de múltiplos significados, ao longo da história. A questão do trabalho perpassa de diferentes formas a vida das pessoas, ao longo da trajetória humana, adquirindo conotações distintas e sentidos que variam entre a dor, o sofrimento, a satisfação e o prazer.

A concepção do trabalhador vigente no sistema capitalista ameaça a dignidade, a subjetividade humana, enfim, a identidade dos sujeitos sociais. Entretanto, considerando a relação trabalho, sobrevivência, mundo do trabalho e sistema econômico, constroem-se e se direcionam estratégias individuais e coletivas para o aperfeiçoamento da inserção no mundo do trabalho e de enfrentamento das dimensões ambíguas nele e por ele vividas; o que pode representar uma fonte de crescimento e de maturidade e bem-estar no e pelo trabalho.

O fortalecimento das tendências de enfrentamento do mundo do trabalho aliado ao prazer, à satisfação e à realização, individual, pessoal e profissional, por vezes, intrínsecos aos sujeitos sociais, pode contribuir para ultrapassar os efeitos da ideologia capitalista, da concorrência cotidiana, das desigualdades sociais, do consumismo, da competição e do individualismo nas relações sociais.

Com o avanço do sistema capitalista e dos riscos que ele acarreta na forma de precarização do trabalho, há necessidade de se pensar no desenvolvimento e na adoção de estratégias de proteção objetiva e promoção e prevenção de fatores psicossociais e de dimensões subjetivas que podem repercutir negativamente na saúde do trabalhador e na realização do trabalho. Porém, conforme Ruiz (2012, p. 171), grande parte de tais medidas envolve meios de proteção para os trabalhadores e melhora das condições de trabalho, mas somente terão resultado efetivo para riscos que podem ser objetiváveis, visto que: “(...) nem todos os acontecimentos e riscos são antecipáveis, controláveis ou elimináveis, seja no âmbito do trabalho ou da vida”.

Nesse sentido, para o profissional docente, assim como para outros trabalhadores de modo geral, conviver com a tolerância a sinais e sintomas, perceptíveis ou não, de mal estar físico e até mesmo psíquico faz parte do seu cotidiano. Este ignorar a saúde física e mental talvez seja por insegurança, por laços empregatícios frágeis, ou pela grande demanda de indivíduos desempregados e disponíveis no mercado na busca por concorrência.

A sociedade capitalista transforma o trabalho assalariado em mercadoria, muitas vezes a partir da alienação e do estranhamento do trabalhador. Mesmo sendo o trabalho essencial ao

processo de humanização do ser humano, nem sempre ele opera para que por meio dele o indivíduo se humanize e se expresse como tal.

A melhoria do desempenho do trabalhador na realização do trabalho apresenta um grande valor econômico em detrimento da valorização da pessoa. Ou seja, a pessoa vale o que produz, como e quanto produz. Um pensamento contraditório, porquanto o trabalho que poderia se prestar à afirmação do humano, serve à sua negação. No capitalismo, o trabalho ao mesmo tempo liberta e escraviza, humaniza e deteriora o sujeito, o faz avançar e recuar naquilo que o define como humano – seu pensamento, sua autonomia, sua decisão, sua escolha, sua criação - podendo, assim, trazer ou não satisfação àquele que o desenvolve.

No capitalismo flexível, conforme Sennett (2009), se espera do trabalhador mais agilidade e flexibilidade, que esteja pronto a assumir riscos, adaptável a mudanças na incessante busca por resultados, mas em curto prazo. Seguindo este raciocínio, a flexibilidade traz certa incerteza e ansiedade ao trabalhador, ao passo que assumir riscos nem sempre tem como resultado o sucesso e por ser um sistema impaciente, o capitalismo aguarda um retorno imediato, um afrouxar dos laços duradouros, cria relações instáveis e relações interpessoais passageiras. Tais mudanças ocorridas na sociedade tendem a modificar o trabalho docente.

A busca pela subsistência e pelo sucesso profissional tornou-se uma necessidade compulsiva que escraviza o indivíduo, levando-o a trabalhar sempre mais. Neste contexto é que o capitalismo flexível se faz mais nítido e presente à medida que se pede ao trabalhador que seja mais ágil, apto a mudanças e disposto a assumir riscos. Correr riscos implica uma necessidade diária enfrentada pelas massas, que inclui a competição, a concorrência espaço, o que conseqüentemente será exigido à busca por qualificação.

A conjuntura de modificações do mundo do trabalho oportunizou alterações no mercado de trabalho da educação, destacando a desvalorização do professor, exigência de atualização com recursos financeiros próprios, relações de trabalho precárias, fatores esses que provocam significativos afastamentos ocupacionais (LEMOS, 2005; CARLOTTO; CÂMARA, 2007). Assim, o sistema educacional assimila também a ordem social e econômica em que ele se insere, impondo à educação um perfil mercantilista e reproduzidor dos valores que alicerçam a sociedade capitalista.

Como educar os indivíduos para assumirem seu lugar no século XXI torna-se um questionamento interessante quando pensamos em educação do ponto de vista econômico. Quando pensamos a educação do ponto de vista cultural, nos questionamos como transmitir conhecimento num mundo em eternas mudanças sociais, econômicas e políticas, onde o diploma de graduação não é mais certeza de sucesso.

Atualmente é crescente a tendência ao enfraquecimento de laços fortes entre trabalhadores e indivíduos em geral. Isso pode trazer mal-estar, descomprometimento, inflexibilidade e, até mesmo, sofrimento psíquico. “A fragilização do laço social pode ser identificada no enfraquecimento dos vínculos sociais quando este trabalhador de alta renda se relaciona, ante de tudo, com seu próprio percurso profissional” (ROSENFELD, 2011, p.261). Tal fragilização dos laços, para a mesma autora, constitui-se como um processo de precarização. Torna-se de suma importância para o profissional um fortalecimento de sua subjetividade para que possa assim, por meio de engajamento individualizante e coletivo, atuar de forma flexível, mas qualificada aos desafios sempre renováveis e voláteis.

O profissional docente construirá sua identidade na busca por autoconhecimento e autonomia visando uma reforma íntima com o objetivo de potencializar a profissão de professor mais engajado, produtivo, flexível a mudanças, adquirindo habilidades e competências que correspondam a expectativas individuais e coletiva, pessoais e profissionais, e com capacidade de desenvolver exercício crítico e reflexivo sobre sua atuação diante do compromisso assumido com a educação, mesmo na sociedade imediatista em que vivemos que almeja resultados em curto prazo.

Neste cenário de mudanças constantes, a precarização começa a alterar a vida do sujeito dentro e fora do trabalho. Segundo Franco; Druck e Seligmann (2010, p. 231), a precarização apresenta-se sob formas variadas.

Nas empresas se expressa em formas de organização pautadas no *just in time*, na gestão pelo medo, nas práticas participativas forçadas, na imposição sutil de autoaceleração, na multifuncionalidade, dentre outros métodos voltados ao controle maximizado. São processos de dominação que mesclam insegurança, incerteza, sujeição, competição, proliferação da desconfiança e do individualismo, sequestro do tempo e da subjetividade. São afetadas as demais dimensões da vida social, laços familiares e intergeracionais. A desestabilização e a vulnerabilidade sociais conduzem à desvalorização simbólica, com a corrosão do sistema de valores, da autoimagem e das representações da inserção de cada um na estrutura social.

Dependendo de como os trabalhadores respondem à intensificação qualitativa dos ritmos de produção e ao conseqüente desgaste das condições de trabalho, passam a conviver com o aumento de estresse, precarização do emprego e a diminuição de salário (ANTUNES; BRAGA, 2009), além de um quadro generalizado de mal estar e de insatisfação profissional.

Traça-se assim a era da precarização e alienação global do trabalho envolvendo relações sociais e de trabalho frágeis. Nessa perspectiva, os indivíduos são tratados de forma coisificada, há um comprometimento da construção da identidade e subjetividade individual e coletiva, competição desenfreada e às vezes desleal, que poderão acarretar desgaste e

violência psicológica que desrespeitam os limites físicos e mentais trazendo sérios impactos à saúde do trabalhador.

O trabalho docente transcende os limites da sala de aula. Isso requer, dentre outros fatores e exigências, não simplesmente ter anos e anos de janela e sim pensar, problematizar e reconhecer qual o papel do professor no quadro de uma sociedade em mudança. O significado de uma profissão e de uma carreira docente está também em mudança. Resta conhecer o que compete à educação e aos saberes técnicos e profissionais, para promover uma educação de qualidade, dinâmica e sujeita à crítica e às mudanças.

### **3 TRABALHO DOCENTE E SOFRIMENTO**

Entre o produto do trabalho e a experiência do trabalhador em relação àquilo que faz, pode não haver uma correspondência positiva entre produção, organização do trabalho e satisfação pessoal.

Na busca pela construção da identidade e afirmação de cada sujeito, a evolução e o progresso nem sempre se originam de sucessos e acertos, e sim de erros e recomeços aliados à configuração da subjetividade de quem trabalha. Experiências de mal-estar, distúrbios físicos e psíquicos e/ou psiquiátricos, baixa autoestima, sofrimento e estresse são frequentes. Independentemente de qual seja a denominação desses descompassos e os aportes teóricos a eles subjacentes, importa reconhecer um sentimento de inadequação psíquica e desconforto em relação ao trabalho. “O sofrimento no trabalho torna-se evidente quando não é mais possível transformá-lo em prazer através das realizações do sujeito, reconhecidas pelos outros como úteis e belas” (SZNELWAR, 2011, p. 15). Nesse sentido, não há que se pensar que o sofrimento em determinado momento da trajetória humana deva ser visto apenas do ponto de vista negativo, pressupondo que dele advenham apenas o caos, a desordem e o desajuste. Outras experiências são possíveis e podem conduzir à reestruturação da subjetividade.

Diante das incertezas da importância do trabalho para o ser humano, surgem a dualidade e a ambivalência de sentimentos. De um lado, a autoestima e o prazer, e de outro, o sofrimento psíquico. No entanto, se por um lado há um maior valor que o indivíduo dá ao sofrimento em relação ao prazer, por outro, há uma invisibilidade e despreocupação em relação ao sofrimento do trabalhador.

Essa invisibilidade pode ocorrer por parte do empregado que, decorrente da instabilidade empregatícia e outras formas de precarização do trabalho como a intensificação e extensificação do trabalho por meio de exigências de produtividade veladas pela insegurança e pelo medo, prefere omitir o mal-estar tanto para si quanto para o empregador

acarretando para si doenças que com o tempo podem se tornar crônicas tais como: hipertensão, estresse, distúrbios gastrointestinais, depressão, mialgias, infarto agudo do miocárdio, dentre outros. Porém o número de doenças mentais tem aumentado. Há quem se arrisque a reconhecer que há uma intrínseca relação entre uso de medicamentos e insatisfação no trabalho.

A partir desse quadro teórico e em inter-relação com ele, cabe discutir como professores entendem seu trabalho, o que em relação a ele experimentam e descrevem, e o que a partir dele contribui para a sua subjetividade enquanto pessoa e profissional.

### 3.1 Perfil dos professores participantes

Entre os 30 professores entrevistados, quinze são da IES1 e quinze da IES2. A maioria é do sexo masculino, possui mais de 8 anos de experiência na docência, e cuja faixa etária é de 28-83 anos. Grande parte dos participantes é composta por casados, como indicado na Tabela 1.

Quanto à procedência, a maioria é da cidade de Uberaba, MG (15 indivíduos, 50%), sendo 11 indivíduos (36,67%) constituídos por um de cada uma das cidades seguintes: Bauru, SP; Brasília, DF; Conquista, MG; Divino, MG; Itapagipe, MG; Poços de Caldas, MG; Ribeirão Preto, SP; Sacramento, MG; Santos, SP; São Paulo, SP; e São Simão, SP. O restante (13,33%) é formado por dois entrevistados de cada uma das seguintes cidades: de Barretos, SP e de Belo Horizonte, MG.

**TABELA 1** – Perfil dos docentes entrevistados

<b>VARIÁVEIS</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Gênero</b>		
Masculino	18	60%
Feminino	12	40%
<b>Estado Civil</b>		
Casados	17	56,67%
Solteiros	7	23,33%
Divorciados	3	10%
Viúvos	2	6,67%
União estável	1	3,33%
<b>Tempo de Magistério</b>		
1 a 5 anos	4	13,33%
6 a 10 anos	7	23,33%
11 a 15 anos	6	20%
16 a 20 anos	3	10%
21 a 25 anos	4	13,33%
26 a 30 anos	3	10%

31 a 35 anos	1	3,33%
36 a 40 anos	1	3,33%
41 a 45 anos	1	3,33%
<b>Idade</b>		
28 a 35 anos	5	16,67%
36 a 45 anos	10	33,33%
46 a 55 anos	10	33,33%
56 a 65 anos	3	10%
66 a 75 anos	1	3,33%
Acima de 76 anos de idade	1	3,33%
<b>Total</b>	<b>30</b>	<b>100%</b>

**Fonte:** Entrevistas 2013

### 3.2 Significados de ser professor e seu papel

Quanto ao que é ser professor, os entrevistados entendem que a docência engloba sentimento de doação, um ideal, um desafio, vocação, paixão, prazer, sentimento de responsabilidade diante da formação do aluno, mas principalmente diante da formação da sociedade. Parece-lhes faltar uma dimensão mais técnica e profissional do trabalho docente. Numa visão otimista e quase mágica, acreditam que, apesar do cansaço, citado por alguns, a gratificação supera as dificuldades. Sentem-se como estar num palco, o maior desejo do “artista” (o professor) é estar diante do “público” (os alunos) e se sentir idolatrado. Idealizam, esperam por resultados que nem sempre são de sua única e exclusiva responsabilidade. Almejam que seus alunos, futuramente, sejam seus colegas de trabalho. Talvez esse pensamento pudesse ser repensado, pois o resultado é apenas uma consequência da trajetória de vida e nem sempre uma garantia de sucesso.

O trabalho docente permite ao profissional viver em sociedade, sintonizar-se com o meio, dar sentido à sua própria existência e contribuir para a construção de uma dada sociedade; para que, assim, possa ter noção que o simples ato de viver e de existir, não é simplesmente estar vivo, mas é produzir algo que possa dar sentido às coisas e à vida. O papel do professor, além de educar é desenvolver o senso crítico e a autonomia. Isso é educação, numa perspectiva de evolução profissional, social, cultural e pessoal.

### 3.3 O trabalho entre o prazer e o sofrimento

No que respeita à relação trabalho e saúde, há uma diferenciação entre queixas de si e queixas do outro. Quanto ser o trabalho fonte de sofrimento e prazer, a maioria (43,33% - 13 entrevistados) reconhece ser mais comum na prática docente o relato de queixas de sofrimento em relação ao outro e prazer em relação a si; 33,33% (10 entrevistados) referem prazer tanto

em relação ao outro, quanto em relação a si mesmo; 20% (6 entrevistados) admitem queixas de sofrimento tanto em relação a si, quanto em relação ao outro e 3,34% (1 entrevistado) refere ouvir falar de prazer em relação à si e sofrimento em relação ao outro, porém o sofrimento está relacionado à outros níveis de ensino (educação básica). O ensino básico foi citado por quatro entrevistados como a prática docente em que é mais comum se ouvir falar de sofrimento.

Assim, pode-se inferir que apesar do ser humano dar maior vazão ao sofrimento que ao prazer, através de reclamações constantes, em qualquer área de atuação, no contexto do trabalho, talvez seja mais fácil dizer que se é feliz (prazer) no trabalho do que admitir que sofre (desprazer), pois tem-se a preocupação com o que o outro vai pensar, além de sugerir uma imagem social negativa e de fracasso do profissional e da docência. Isso pode gerar um desconforto íntimo muito grande. Mais uma vez, a relação de trabalho está fortemente marcada pela ambivalência traduzida em termos de sofrimento/prazer, frustração/expectativas, doença/saúde, sombra/luz. Na fala do professor entrevistado, quando questionado se realmente os professores admitiriam possuir sofrimento psíquico, o mesmo refere que pela insegurança empregatícia as respostas poderiam estar condicionadas ao prazer.

*(...) Na realidade eu acho que o próprio fato de ser entrevistado leva o professor a si defender com argumentação de que sente prazer. Esse sentir prazer hoje pelo que acompanho com os colegas é limitado a pequenos momentos, a maioria não está mais conseguindo ficar em sala de aula, não está aguentando mais a docência, seja pelo desrespeito dos alunos para com eles, que eu acho que é uma deficiência de relação e precisa ser rediscutida, redefinida, reconstruída. Seja por insatisfação financeira, seja por falta de reconhecimento institucional. O que nós mais acompanhamos na sala dos professores é reclamação, eu nem venho prá cá mais porque é um ambiente que acaba nos fazendo mal. Então se a sala de aula é onde mais me faz bem eu continuo lá com os meninos no horário de intervalo (Entrevistado 26).*

Nas análises de Dejours sobre o sofrimento no trabalho (1992), pode-se atribuir a sua origem ao choque entre uma história individual (que inclui projetos, esperanças e desejos) e uma organização do trabalho que os ignora. A partir daí, pode haver um bloqueio na relação homem/trabalho.

Na visão de Bendassolli (2011), o sofrimento do trabalho pode ser entendido por meio de várias dimensões sob as quais ele se expressa, tais como: sofrimento do corpo físico; psíquico ou da subjetividade (estresse, transtornos mentais, burnout, etc); sofrimento no relacionamento entre os sujeitos (falta de reconhecimento, enfraquecimento dos coletivos de trabalho, empobrecimento das relações afetivas, competição exacerbada, etc.); na perspectiva do sujeito moral (exclusão e invisibilidade social, etc.); e do ponto de vista do próprio

trabalho (atividade impedida, perda do significado ou da função psicológica do trabalho; ausência de atividade).

Há autores como Sousa e Mendonça (2009) que entendem as condições de trabalho impostas aos trabalhadores como possíveis causas de alterações patológicas de cunho físico e/ou emocional decorrentes do sofrimento, tensão, insatisfação, irritabilidade, insônia, envelhecimento precoce, elevação das doenças e óbitos por doenças cardiovasculares, além de se relacionarem a doenças crônico-degenerativas, sendo os sintomas psíquicos e outros distúrbios inespecíficos pouco abordados pelos estudos.

Na análise das mudanças ocorridas ao longo dos anos na profissão docente, as queixas mais frequentes são o aumento das exigências tanto por parte dos alunos, quanto por parte da sociedade. Reconhecem a importância e necessidade de capacitação e formação continuada, pois apenas a graduação não basta. Porém, relatam a diversidade de atribuições e exigências na prática profissional, que pode ser representada pela intensificação e extensificação do trabalho docente, além de queixas como a falta de respeito e de comprometimento por parte dos alunos, a inserção do avanço tecnológico muito presente no mundo da era digital impondo modificações no contexto do trabalho docente, dentre outras queixas. Entre as diversas interpretações para a origem do sofrimento está a relacionada à sobrecarga e à intensificação do trabalho docente e à sobreimplicação no trabalho.

*A intensificação do regime de trabalho também vem sendo bastante problematizada. Neste campo, não são raros os autores que problematizam as mudanças ocorridas na jornada de trabalho de ordem intensiva (aceleração na produção num mesmo intervalo de tempo) e extensiva (maior tempo dedicado ao trabalho). Daí decorrem análises sobre o aumento do sofrimento subjetivo (MANCEBO, 2007, p. 470).*

Atualmente a alteração da jornada de trabalho docente consiste numa aceleração na produção num curto prazo de tempo (ordem intensiva) e maior tempo de dedicação ao trabalho (ordem extensiva), sendo inseridas tarefas e funções antes não pensadas, contribuindo e/ou potencializando possíveis consequências, como o sofrimento do professor.

O trabalho docente envolve diversos fatores tais como jornada de trabalho, produtividade, a pressão por parte da instituição empregadora, dos alunos, da sociedade e exigências pessoais. Observado este contexto, o trabalho pode trazer sofrimento ao indivíduo, quando frustra suas expectativas e isso se soma à insatisfação pessoal e profissional, que se tornam maiores que o prazer em desenvolver determinada atividade. Ao desempenhar determinadas atividades, supõe-se que o indivíduo seja capaz de enfrentar eventos adversos

que surgem e que exigem um conjunto de habilidades e competências para sua resolução, mas torna-se sofrimento na insistência do ser humano em viver em um ambiente que lhe é adverso.

As queixas de sofrimento dos entrevistados em relação a si relacionam-se à ansiedade em cumprir metas, quando o cansaço que se torna patente, e há um sentimento de frustração que flutua entre a satisfação e a insatisfação com a profissão docente, dentre outras queixas, além do estresse que acomete à saúde causando a Hipertensão Arterial Sistêmica (elevação da pressão). O sofrimento psíquico pode ter uma evidência ou não. No caso de um dos entrevistados, ele é admitido e verbalizado.

*(...) Já tive sofrimento psíquico com relação a lugares que eu trabalhei, senti uma profunda tristeza de trabalhar, eu sei direitinho o que é isso, já passei por isso e não podia largar (...). Hoje graças a Deus eu não passo mais por isso. Eu ouço e vejo muitos professores adoecendo, vejo muitas pessoas que fazem apenas porque precisam fazer, porque precisa sustentar a casa, porque não tem outra coisa para fazer. E eu acho que isso aí repercute na aprendizagem do aluno na qualidade da escola e isso é muito ruim (Entrevistado 12).*

O professor, muitas vezes, é confrontado a se responsabilizar pela educação de várias turmas de alunos, (quando tal responsabilidade deveria ser compartilhada com os pais), a ministrar duas ou mais disciplinas diferentes, a exercer esforços extras para atualizar seus conhecimentos, atualizar-se e adaptar-se às tecnologias digitais e didáticas pedagógicas, cumprindo uma carga horária que ultrapassa sua jornada de trabalho. Neste contexto, estabelece-se a intensificação e a precarização das condições de trabalho, e a forma como cada professor lida com tais competências poderá ou não acarretar sofrimento e penosidade a este trabalhador.

Em decorrência deste panorama de intensificação e extensificação do trabalho, Mancebo (2007, p. 470) refere-se ao aumento do sofrimento subjetivo como: “[...] os efeitos de neutralização da mobilização coletiva e aprofundamento do individualismo competitivo, carreando graves consequências para a vivência e conduta de todos aqueles que trabalham nas escolas e demais instituições de ensino”.

O trabalho docente como toda a atividade tem potencial para gerar prazer, mas também sofrimento. A satisfação e o prazer no trabalho docente muito provavelmente estão relacionados ao âmbito pessoal, à ideologia e/ou a aspectos de escolhas individuais da maneira como se quer participar da sociedade. Afinal, o professor antes de tudo é o profissional responsável pela formação de profissionais das mais diversas áreas.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao pensar sobre sofrimento psíquico e docência, o professor terá a oportunidade de repensar o próprio saber e fazer docentes, buscando alternativas para relacionar-se melhor com a escolha e o exercício da profissão. Desta forma, poderão advir benefícios pessoais, coletivos e institucionais, no sentido de possibilitar o conhecimento das condições profissionais individuais e coletivas de trabalho, entender os rumos da profissão docente, suas relações entre trabalho e sofrimento psíquico e suas implicações para os professores, enquanto sujeitos e enquanto categoria profissional. A esses aspectos, soma-se a necessária abertura de espaços formativos na instituição, tendo em vista a promoção de relações mais positivas do trabalhador com o seu trabalho atenuando ou evitando problemas relacionados com o sofrimento psíquico, absenteísmo e desmotivação para e no trabalho.

Com a flexibilização e precarização do trabalho, instala-se a incerteza no ser humano, embora ele persista na busca por respostas e objetivos que o mantenham em movimento e envolvido em sua trajetória. Tal trajetória poderá, às vezes, lhe trazer sofrimento, mesmo que o sofrimento possa trazer crescimento e resistência. Sendo assim, incertezas geram dúvidas, dúvidas geram movimento, movimento impulsiona a trajetória, não importando unicamente o resultado e sim a busca pelas respostas que, por sua vez, se promove o conhecimento.

O trabalho docente flutua entre o desencanto e a esperança; o conformismo e a persistência em um ideal de busca por ensino de qualidade; a desilusão e o progresso e, principalmente, entre a negligência e a consciência de estar desempenhando seu papel enquanto docente. Parece que o sujeito fica permanentemente envolvido por uma realidade dualista e de contrários. Não se trata de ficar em uma única situação. Ou em outra que lhe é oposta. Mas, de entender que no trabalho docente, os contrários coexistem e fazem parte da totalidade.

Numa visão humanista, a educação pode ser percebida, além de uma profissão, como essência do desenvolvimento humano e supõe um chamado para uma construção individual e coletiva. Pensar-se e projetar-se é para um trabalhador docente que deseja assumir uma trajetória, entre uma teia de relações, de desejos e interesses, misturados a uma pluralidade de objetivos. Mas, pela singularidade humana espera-se ação e projeção, e não a fala do outro, mas a fala de vida e de experiência de cada um.

O grande desafio é compreender e se possível ultrapassar as condições ideológicas e/ou estruturais do mundo do trabalho, de modo a alcançar um novo patamar na reflexão crítica sobre as transformações no cotidiano e o que daí decorre para o enfrentamento das modificações relacionadas à inserção das tecnologias digitais no trabalho docente. Isso não significa simplesmente abandonar o saudosismo de uma metodologia educacional tradicional

e talvez conservadora, deixando-se levar pela emergência em derrubar velhos paradigmas, mas supõe uma reorganização e reestruturação do trabalho docente em seus significados, natureza e conteúdos. Perspectiva profissional e científica.

## 5 REFERÊNCIAS

ANDRADE, Patrícia Santos; CARDOSO, Telma Abdalla de Oliveira. Prazer e dor na docência: revisão bibliográfica sobre a Síndrome de Burnout. **Saúde e Sociedade** – São Paulo, v. 21, n. 1, p.129-140, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v21n1/13.pdf>>. Acesso em 15 jun. 2013.

ANTUNES, Ricardo; BRAGA, Ruy. **Infoproletários: degradação real do trabalho virtual**. São Paulo: Boitempo, 2009. 250 p.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições, 1979.

BENDASSOLLI, Pedro F. Mal-estar no trabalho: do sofrimento ao poder de agir. **Revista Mal-estar e Subjetividade**. Fortaleza, v. 10, n. 1, p.63–98, mar. 2011. Disponível em: <http://www.pedrobendassolli.com/textos/mal-estar.pdf>>. Acesso em 22 jul.2013.

BENEVIDES-PEREIRA, Ana Maria T. O estado da arte do *Burnout* no Brasil. **Revista Eletrônica Interação Psy**, ano 1, n. 1, p.4-11, ago. 2003. Disponível em: [http://www.saudeetrabalho.com.br/download\\_2/burnout-benevides.pdf](http://www.saudeetrabalho.com.br/download_2/burnout-benevides.pdf)>. Acesso em 03 mar. 2013.

CARLOTTO, Mary Sandra; CÂMARA, Sheila Gonçalves. Preditores da Síndrome de Burnout em professores. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**. v. 11, n. 1, p. 101-110, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v11n1/v11n1a10.pdf>>. Acesso em 03 jul. 2013.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho: estudo da psicopatologia do trabalho**. 5. ed. ampliada. São Paulo: Cortez – Oboré, 1992. 168 p.

DEJOURS, Christophe. Subjetividade, trabalho e ação. **Revista Produção**, v. 14, n. 3, p. 27-34, set./dez. 2004.

FRANCO, Tânia; DRUCK, Graça; SELIGMANN-SILVA, Edith. As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. **Rev. bras. Saúde ocup.**, São Paulo, 35 (122), p. 229-248, 2010. Disponível em: <http://www.fundacentro.gov.br/rbso/BancoAnexos/RBSO%20122%20Novas%20rela%C3%A7%C3%B5es%20de%20trabalho.pdf>>. Acesso em 20 abr. 2013.

GIL, ANTONIO CARLOS. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p.

LEMONS, J. C. **Cargas psíquicas no trabalho e processos de saúde em professores universitários**. Florianópolis: UFSC, 2005 - Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do título de Doutor.

MANCEBO, Deise. Agenda de pesquisa e opções teórico-metodológicas nas investigações sobre Trabalho docente. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 99, p. 466-482, mai./ago. 2007. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em 26 abr. 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. 9ª edição revista e aprimorada. São Paulo: Hucitec; 2006. 406 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009. 108 p.

ROSENFELD, Cinara L. Trabalho decente e precarização. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 23, n. 1, p. 247-268, jun./2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v23n1/v23n1a12.pdf>>. Acesso em 19 mar. 2013.

RUIZ, Valéria Salek; ARAÚJO, André Luis Lima de Araújo. Saúde e segurança e a subjetividade no trabalho: os riscos psicossociais. **Revista brasileira ocup.**, São Paulo, 37 (125), p.170-180, 2012. Disponível em: [http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/periodicos/RBSO\\_125.pdf](http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/periodicos/RBSO_125.pdf)>. Acesso em 24 mar. 2013.

SENNETT, Richard. **A Corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009, 204 p.

SOUSA, Ivone Félix de. **Burnout em professores universitários: análise de um modelo mediacional**. Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Psicologia da Universidade Católica de Goiás, 2006. Disponível em: [http://tede.biblioteca.ucg.br/tde\\_arquivos/11/TDE-2007-03-12T110402Z-295/Publico/Ivone%20Felix%20de%20Sousa.pdf](http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_arquivos/11/TDE-2007-03-12T110402Z-295/Publico/Ivone%20Felix%20de%20Sousa.pdf)>. Acesso em 08 abr. 2013.

SOUSA, Ivone Félix; MENDONÇA, Helenides. Burnout em professores universitários: impacto de percepções de justiça e comprometimento afetivo. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, v. 25, n. 4, p. 499-508, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v25n4/a05v25n4.pdf>>. Acesso em 10 abr. 2013.

SZNELWAR, Laerte Idal; UCHIDA, Seiji, LANCMAN, Selma. A subjetividade no trabalho em questão. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 23, n.1, p.11-30, Jun./2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v23n1/v23n1a02.pdf>>. Acesso em 27 abr. 2013.